

Diploma não é condição para se tornar jornalista, diz Chauí

Da Redação da Folha

A professora de filosofia política da Universidade de São Paulo (USP), escritora e colaboradora da Folha, Marilena Chauí, 44, disse, ontem, às 18h10, por telefone, que é contra a exigência de diploma para o exercício da profissão de jornalista. "O diploma não é condição para alguém se tornar jornalista", afirmou. O comitê temático sobre direitos da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais aprovou, no início de abril, proposta que extingue a obrigatoriedade de diploma universitário para desempenho de profissões intelectuais, entre elas a de jornalista.

Segundo Marilena, no entanto podem ser feitas algumas exigências de formação cultural para jornalistas, embora seja uma profissão tão peculiar quanto, por exemplo, a de pintor ou escultor, em que "a realização do trabalho é feita através do fazer". Portanto, afirma a professora, a escola dos jornalistas é a redação, a prática cotidiana.

Filha de jornalista (Nicolau Chauí), Marilena disse que seu pai se deparou, muitas vezes, com a formação escolar deficiente dos "focas" (profissionais em início de carreira), que tinham pouco conhecimento de história e até de português. As escolas de comunicação que formam jornalistas, afirma Marilena, deveriam reunir professores, estudantes e,

junto com o Sindicato dos Jornalistas, pensar como reestruturar a formação dos alunos, uma vez que a situação contemporânea do mundo e do país exige uma formação especializada.

Privativo

Para Gaudêncio Torquato, 39, jornalista, professor de jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), presidente da Intercom (Sociedade de Estudos Interdisciplinares de Comunicação) e secretário-executivo da Comissão Consultiva de Comunicação da Presidência da República, o exercício da profissão de jornalista deve ser privativo dos graduados em cursos de jornalismo. Torquato ressaltou, no entanto, que se o diploma para jornalistas for extinto, a medida deve ser ampliada para outras áreas da comunicação, como publicidade e relações públicas.

Torquato disse que parte do princípio de que "o jornalista, moldado na escola apropriada, convivendo com o debate, instrumentalizado com a técnica adequada, para escrever à amplas faixas da população, terá sempre melhores condições de se ajustar a um modelo profissional do que um médico, um sociólogo raivo-so, um jurista cheio de formalidades".